

DOSSIÊ

JORNALISMO ATIVISTA NA AMAZÔNIA:

as narrativas de Eliane Brum



ELAINE JAVORSKI

Universidade Federal do Maranhão, São Luís – Maranhão – Brazil
ORCID: 0000-0003-1530-5264

QUEZIA ALENCAR

Universidade Federal do Maranhão, São Luís – Maranhão – Brazil
ORCID: 0000-0001-9611-7569

DOI: 10.25200/BJR.v19n3.2023.1606

Received on: March 31, 2023

Desk Reviewed on: May 03rd, 2023

Desk Review Editor: Nelia Del Bianco

Approved on: September 09th, 2023

Como citar este artigo: Javorski, E., & Alencar, Q. (2023). ACTIVIST JOURNALISM IN THE AMAZON: the narratives from Eliane Brum. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1606. <https://doi.org/10.25200/BJR.v19n3.2023.1606>

RESUMO – Este trabalho pretende analisar as características do jornalismo ativista presentes nas narrativas sobre a Amazônia da jornalista Eliane Brum, publicadas no site El País Brasil, entre 2017 e 2020. Sob a perspectiva da corrente dos estudos narrativos associada ao jornalismo, a pesquisa busca problematizar os processos comunicativos, as estratégias argu-mentativas e os efeitos que inserem um sentido de resistência nas narrativas. O estudo analisa nove reportagens no período de 2017 a 2020 sobre a região amazônica por meio do método da análise crítica da narrativa (Motta, 2013) em conjunto com a análise de conteúdo (Bardin, 2011). Os resultados mostram que as reportagens utilizam recursos narrativos que evidenciam a identificação pessoal jornalística com temas e fontes, o que fundamenta o jornalismo ativista.

Palavras-chave: Estudos narrativos. Ativismo. Resistência. Amazônia. Eliane Brum.

ACTIVIST JOURNALISM IN THE AMAZON: the narratives of Eliane Brum

ABSTRACT – This article investigates the characteristics of activist journalism present in the narratives about the Amazon by journalist Eliane Brum, published on the website El País Brasil, between 2017 and 2020. From the perspective of the current of narrative studies associated with journalism, the research seeks to problematize the processes communicative, argumentative strategies and the effects that insert a sense of resistance in the narratives. The study analyzes nine reports from 2017 to 2020 about the Amazon region using the critical narrative analysis method (Motta, 2013) in conjunction with content analysis (Bardin, 2011). The results show that the reports use narrative resources that show journalistic personal identification with themes and sources, which underlies activist journalism.

Key words: Narrative studies. Activism. Resistance. Amazon. Eliane Brum.

PERIODISMO ACTIVISTA EN LA AMAZONIA: las narrativas de Eliane Brum

RESUMEN – Este trabajo pretende analizar las características del periodismo activista presentes en las narrativas sobre la Amazonía de la periodista Eliane Brum, publicadas en el sitio web El País Brasil, entre 2017 y 2020. Desde la perspectiva de la corriente de estudios narrativos asociados al periodismo, la investigación busca problematizar los procesos comunicativos, las estrategias argumentativas y los efectos que insertan un sentido de resistencia en las narrativas. El estudio analiza nueve informes de 2017 a 2020 sobre la región amazónica utilizando el método de análisis narrativo crítico (Motta, 2013) en conjunto con el análisis de contenido (Bardin, 2011). Los resultados muestran que los reportajes utilizan recursos narrativos que evidencian la identificación personal periodística con los temas y fuentes, que subyace al periodismo activista.

Palabras clave: Estudios narrativos. Activismo. Resistencia. Amazonia. Eliane Brum.

1 Introdução

A Amazônia brasileira é uma região que abrange cerca de metade do território nacional. Envolve nove estados, a maioria da região Norte, mas também partes do Nordeste e Centro-Oeste. É compreendida por muitos especialistas de várias áreas do conhecimento científico como um gigante ecossistema, a floresta tropical úmida com a maior fonte de biodiversidade do mundo. Sua história é marcada por processos de exploração das riquezas naturais, mas a contrapartida sempre foi o subdesenvolvimento para a população da região. A expansão forçada promoveu desigualdade, além de impactos desastrosos para a

população e a natureza. No processo de colonização, as terras passaram a pertencer aos colonizadores e não aos povos que tradicionalmente viviam nas regiões.

As políticas de “desenvolvimento” da região estiveram e permanecem a serviço do grande capital nacional e estrangeiro e fizeram com que populações inteiras fossem deslocadas do seu local de origem e vivessem transformações culturais e sociais irreversíveis (Marques, 2019). Esse avanço teve como base a violência, a abertura de estradas que cruzavam o território e o incentivo da conquista de terras por grandes fazendeiros, empresários e madeireiros (Nascimento, 2017).

A região amazônica reúne a maior parte da população indígena no Brasil, são cerca de 440 mil indígenas. São mais de 180 povos, além de vários grupos isolados, a terra Yanomami, localizada em Roraima e no Amazonas, possui mais de 25 mil indígenas. Todo esse território mantém um grande papel para proteção de direitos das identidades e são essas populações que possuem vasto conhecimento para a manutenção de uma vida sustentável na região.

A invisibilidade das identidades dos povos tradicionais perpassa principalmente sobre suas visões de mundo, do outro lado da linha abissal, como afirma Santos (2007), não há um conhecimento real, existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que no final podem se tornar objeto ou matéria-prima de investigações científicas. Esse processo de homogeneização de culturas e sujeitos inviabiliza as múltiplas formas de conhecimento, eliminando qualquer modo de diversidade.

Segundo Ijuim (2014, p. 15), “os setores da imprensa mais influentes têm privilegiado noticiar os conflitos e, em geral, caracterizado os indígenas como inconvenientes – os invasores ou os agressores”. Assim, alguns temas sobre a região e seus sujeitos podem ser recorrentes na imprensa brasileira e são vistos nos meios de comunicação, como os conflitos de demarcações de terras, defesas de ecossistemas, as grandes obras como a Usina Hidrelétrica de Belo Monte e a precariedade do modo de vida em aldeias.

Todos esses processos e agressões interferem nas leituras realizadas pela sociedade e por instituições como a imprensa. O imaginário colonial mostra que as representações de selvageria e barbárie costumam aparecer em movimentações negativas, como o retrato do outro.

Eliane Brum faz parte dos jornalistas que contribuem com as histórias publicadas sobre a região e sua população. Entre 2013 e 2021 teve uma coluna quinzenal em português e espanhol no jornal El País, um diário originalmente espanhol que encerrou suas atividades no Brasil em 2021. Foi também colaboradora do jornal britânico The Guardian e publicou seis livros – cinco de não ficção e um romance – além de participar de coletâneas de crônicas, contos e ensaios. Desde a década de 1990 trabalha com as narrativas amazônicas, as vivências dos sujeitos e as lutas políticas, e em 2017 saiu de São Paulo para morar na cidade de Altamira, no Pará.

Compreendido como um estilo próximo ao jornalismo literário, o texto de Eliane Brum foge dos padrões do jornalismo diário em busca da notícia de último minuto para aprofundar-se nos temas contemporâneos. Esse trabalho analisa as estruturas narrativas utilizadas pela jornalista e observa quais características do jornalismo ativista estão presentes nas reportagens sobre a Amazônia, publicadas no site El País Brasil, entre 2017 e 2020. Sob a perspectiva da corrente dos estudos narrativos associada ao jornalismo, a pesquisa busca problematizar os processos comunicativos, as estratégias argumentativas e os efeitos que inserem um sentido de resistência e ativismo nas narrativas.

Buscamos organizar nossa reflexão neste estudo nas seguintes seções: no próximo tópico discorreremos sobre os processos comunicacionais e as narrativas, entendendo seus conceitos gerais, baseando-se na corrente dos estudos narrativos. Na seção seguinte, a discussão se dá em torno dos conceitos de jornalismo ativista e a importância das atitudes pessoais dos jornalistas para a seleção e cobertura de notícias. Depois, descrevemos os procedimentos metodológicos que nortearam a análise das reportagens e apresentamos, de forma conjugada, os principais achados e a análise. Na última parte, apresentamos algumas considerações finais sobre o assunto.

2 Narrativas jornalísticas e suas potencialidades

O jornalismo é um dos elementos para a constituição da realidade como fenômeno social compartilhado, local da construção da verdade imediata e do senso comum, modo legitimado de ver e compreender o mundo. É por meio das narrativas jornalísticas que ocorrem as mediações sociais, as alterações nas suas tessituras que proporcionam a leitura de mundo.

Costa e Silva (2003) argumentam que o jornalismo atua mediante um “contrato” com a sociedade, firmado na veracidade e o tornando um mediador especializado da realidade social, na qual é reconhecido como agente construtor e ressignificador, com credibilidade para relatar a história tal como ela é. O jornalismo não faz ficção, mas isso não anula o fato de que os relatos são construídos a partir de conceituações em forma de linguagem, sujeita a todas as suas imprecisões. Sobre esse contrato, Charaudeau (2007) relaciona o conceito nas instâncias de produção e recepção comunicacional. O autor explica que a finalidade do contrato de comunicação midiático se dá em uma tensão entre duas vias, a de informar o cidadão e a que segue a lógica comercial, sendo por vezes a segunda mais visível por conta da busca pela audiência e consequentemente o lucro.

Segundo o autor, na instância de informação o desafio é conquistar credibilidade, estando em confronto permanente com esse ponto já que baseia sua legitimidade no “fazer crer que o que é dito é verdadeiro” (Charaudeau, 2007, p. 90). Desse modo, estão engajadas num jogo da verdade, que consiste em corresponder aos diferentes imaginários sociais que as questionam.

O jornalismo ainda se baseia de forma estruturante em ideais reconhecidos na modernidade, como a objetividade e imparcialidade, e o exercício da linguagem se vê cerceado pelo impositivo de ordens e lógicas atentas ao esforço da simplificação (Resende, 2011). Assim, é importante apontar que reconhecer a narratividade no jornalismo nos permite enxergar as escolhas assumidas pelo narrador, suas intencionalidades e interesses e toda a sua complexidade enquanto ato comunicativo.

Esses conceitos “tradicionais” tentam apagar a mediação de quem narra no campo jornalístico, podendo camuflar os jogos de poder – que podem envolver gênero e lugar de fala. Entretanto, para a narratividade é necessário admitir a presença de subjetividade, entender que mesmo quando há ausência, há também parcialidade. Seguindo essa linha, podemos afirmar que as narrativas jornalísticas trazem em si as marcas do contexto em que são produzidas, os atos narrativos “criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, cristalizam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a cultura, a sociedade inteira” (Motta, 2013, p. 121).

Resende (2006) chama de narrativas enclausuradas àquelas que partem do princípio de que sua construção depende

exclusivamente de regras previamente estabelecidas que ordenem a forma textual da narrativa, além de “enclausurar” o narrador-jornalista. É uma visão instrumental do jornalismo, que está presente nas investigações acerca do campo, buscando compreender a comunicação e seus objetos por meio das práticas que o sustenta, essa instrumentalização se deve principalmente pelo fato dele sofrer interferências de ordem ideológica e econômica.

Buscar entender o mundo narrado pelo jornalismo é também uma forma de entender trajetórias. Resende (2006) intitula narrativas de resistência àquelas que possibilitam outros olhares possíveis para o jornalismo, que investiga os aspectos importantes da dimensão complexa da prática, por exemplo, descaracterizando personagens, enxergando para além de histórias fechadas, identificando vidas em construção, sendo a narrativa um possível instrumento de compreensão.

Para o autor, o reconhecimento da subjetividade implica em uso de instrumentos de análises e métodos que nos tornem aptos a compreender os gestos narrativos. Se muitos falam através de vários meios, entender quem fala se torna uma questão importante para, por exemplo, entender o que se fala e porque se fala. Aplicada ao jornalismo, é necessário investigar o lugar do jornalista, que até então se coloca como neutro e “finge” estar ausente. Para Resende (2011), o jornalismo legitimou uma linguagem que visa o esforço do apagamento, tanto quanto possível, de marcas de enunciação, uma herança da modernidade.

Já que as narrativas criam sentidos e nos fazem compreender o mundo, este olhar narrativo, então, está repleto de intencionalidade, o narrador constrói seu discurso almejando alcançar objetivos, é, portanto, uma atitude argumentativa, além de se realizarem em contextos sociais e políticos que influenciam diretamente o narrador.

As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente, em contexto, de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação. Os discursos narrativos literários, históricos, jornalísticos, científicos, jurídicos, publicitários e outros participam dos jogos de linguagem e dos jogos de poder. Analisar as narrativas se transforma em observação de ações e performances socioculturais, que de relatos isolados (Motta, 2013, p. 83).

Assim, as narrativas são sempre construções discursivas, sejam elas factuais ou fictícias, sendo consideradas como uma forma

de entendimento do mundo e de nós mesmos, afirmando cada vez mais sua centralidade cultural e social.

Segundo Resende (2006, p.12), o jornalista é um dos protagonistas do ato “quando se reposiciona no lugar do humano, cria possibilidades de articular-se no tecido da vida”. Mesmo com a presença desse narrador, o jornalismo ainda assim insiste no apagamento do autor narrativo, colocando-o em terceira pessoa, uma mediação “afastada”.

3 Jornalismo e ativismo

As noções de objetividade e imparcialidade sempre foram muito caras ao jornalismo, servindo para definir o fazer jornalístico. No jornalismo de cunho militante e ativista esses conceitos têm se modificado em um espaço de atuação intermediário entre a perícia e o engajamento. Os jornalistas atuam como profissionais da informação sem necessariamente aderir ao princípio da imparcialidade, assumindo seu posicionamento de forma clara. A essa prática híbrida ou combinada Prudêncio e Batalha (2009) chamam de “jornativismo”.

“Jornativismo” é, assim, tanto o processo de intervenção ativista na mídia – pela adequação do protesto aos critérios de noticiabilidade para obter cobertura jornalística – quanto à produção própria de informação (ou contra-informação) – hoje bastante centralizada na internet. Pode ser pensada como um campo específico e privilegiado da ação política dos atores coletivos contemporâneos. E isso parece estar criando um espaço adicional para as disputas políticas contemporâneas. (Prudêncio & Batalha, 2009, p. 108).

Ainda que de forma inconsciente, o jornalista também tende a defender causas que lhe parecem importantes. A sugestão de uma pauta ou o viés que dá a uma reportagem podem transparecer isso. Para Castilho (2018), os conceitos de objetividade e isenção são utilizados para invisibilizar a marca militante da imprensa, que se manifesta, por exemplo, quando se discute a liberdade de informação. “A imprensa tradicional, por conta de seu caráter ideológico, classifica o ativismo entre aquele que considera aceitável – o seu próprio ativismo – e aquele que decide rechaçar em virtude de seus próprios interesses” (Castilho, 2018). Para o autor, a defesa da democracia, da igualdade racial, religiosa e de gênero é um ativismo tão político quanto o da promoção da transparência nos negócios públicos, no combate ao agravamento da desigualdade social, na denúncia do autoritarismo e da beligerância.

Moraes (2019), baseada nos estudos decoloniais, propõe uma observação crítica a partir de critérios que não se assumem neutros, e que possuem até mesmo uma carga ativista. Segundo ela, a prática ativista não significa que o jornalista deixe de lado ferramentas e procedimentos de apuração e pesquisa. O profissional continua a empregá-los nas abordagens que, se bem trabalhadas, podem potencializar a possibilidade de jogar luz aos temas que estão no escuro. “É vital compreender que o caminho da objetividade no jornalismo, para além dos procedimentos técnicos, deve ser guiado também pela percepção da sub-representação que atinge diversos grupos sociais, e que, repito, é causada também pelo jornalismo” (Moraes, 2022, p. 153).

Moraes (2018) reflete sobre os limites dos ideais objetivos e as consequências que se gera sobre a vida das pessoas e propõe o uso do que chama de “jornalismo de subjetividade”, que contesta a concepção reducionista da objetividade que castra a autonomia do repórter, condicionando-o a apenas relatar os fatos. Um dos pontos iniciais para essa prática é a reflexão sobre as formas de enquadramento. Geralmente o que é levado ao conhecimento público é o espetacular ou o extraordinário, sendo esse um olhar exotificante, que enquadra o outro como “diferente”, as semelhanças assim são deixadas de lado nas narrativas. Outro ponto é a visão direcionada para os pequenos detalhes, as miudezas do dia, aquilo que geralmente não chamaria atenção.

O ativismo é frequentemente utilizado para desqualificar o profissionalismo no jornalismo quando usado como uma forma de ausência da objetividade, um dos pilares da atividade. O “jornalismo de subjetividade” assumiria o caráter transformador do jornalismo e seus produtos seriam entendidos “como meios de intervenção, de reclamar humanidades, de posicionamento social, de insurgência” (Moraes, 2022, p. 137). O posicionamento crítico proporcionaria a capacidade de ação, de transformação. Isso não significa alçar o jornalista ao lugar de protagonista, mas abrir espaço para que atores representados de forma insuficiente e enfraquecida pudessem ter suas vivências e problemáticas conhecidas.

Assim, como já evidenciam estudos na área da comunicação, a isenção absoluta não existe. A visão pessoal do jornalista interfere, molda e delinea a sua narrativa sobre os fatos. Nikole Hannah-Jones, autora de 1619, projeto do New York Times sobre o legado da população negra nos EUA, compreende que todo jornalista é, em certa medida,

ativista porque quando ele se torna especialista em algo, ele constrói opiniões sobre o assunto. A objetividade estaria nos métodos objetivos, ou seja, a construção de uma narrativa de forma justa e precisa.

Nos EUA, acreditamos que o jornalismo existe para responsabilizar pessoas em posições de poder, para falar em nome daqueles mais vulneráveis. Acreditamos que jornalismo é necessário para a democracia. E todas essas posições não são neutras, mas ativas. Meu ativismo toma forma quando escrevo e exponho injustiças. Outras pessoas o fazem marchando nas ruas. Não acho que eu deva estar envolvida nessas duas frentes, mas eu não posso fingir que não exista ativismo nas minhas motivações para me tornar uma jornalista. (Mena, 2021).

Shultziner e Shoshan (2018) conceituam estas motivações como “identificação pessoal jornalística”, que fundamenta o ativismo jornalístico, ou seja, a importância das atitudes pessoais dos jornalistas para a seleção e cobertura de notícias. Eles usaram como base vários estudos para fornecer um modelo provisório que consiste em possíveis fatores e mecanismos que podem explicar quando essa identificação é mais provável de ocorrer. Os autores analisaram o engajamento de jornalistas durante o protesto pela justiça social em Israel, em 2011. Dentre as interações estão a cooperação com ativistas, alguns deles também contribuíram para o movimento aconselhando sua liderança (em serviço e fora de serviço), escrevendo discursos de manifestações, retendo informações negativas, recrutando redes profissionais em seu nome e geralmente escrevendo em favor do movimento para estimular a mobilização. Os autores propõem alguns fatores e mecanismos a partir dos quais a identificação pessoal jornalística e o ativismo jornalístico são mais prováveis de ocorrer: a) quando há uma identificação ideológica; b) é uma questão nova e de natureza não-partidária; c) existe ligação pessoal, intensiva ou íntima entre jornalistas e os atores dos movimentos; d) os líderes do movimento são credíveis e autênticos; e) as experiências de vida são semelhantes; e f) existe uma comoção moral e empatia.

A definição de “identificação pessoal jornalística” está ligada à convicção de um profissional sobre a veracidade e importância de determinados fatos, e que ele entende precisar da legitimidade na mídia. De acordo com Shultziner e Shoshan (2018), a identificação pessoal ocorre em meio a rotinas jornalísticas permeadas por distanciamento, ceticismo em relação a fontes e causas, propensão a promover embates entre fontes e favorecimento de fontes governamentais. Essas práticas passam a dar lugar a atitudes de

afinidade e afirmação de reivindicações ou informações. Isso pode acontecer devido a uma identificação ideológica dos jornalistas com uma determinada causa ou grupo, e também por crenças políticas, especialmente quando o partidarismo político do meio de comunicação é explícito, mas também, em menor grau, em organizações comprometidas com a neutralidade e objetividade.

Outro mecanismo referido por Shultziner e Shoshan (2018) envolve o apego pessoal. Nas interações sociais intensas com fontes ativistas, os jornalistas podem se compadecer com suas histórias e vivências. O choque moral, empatia e outras emoções em relação às pessoas que são afetadas ou vitimizadas também influenciam a identificação. “Jornalistas ou editores podem tornar-se emocionalmente inclinados a pensar que as vítimas merecem cobertura e que a mídia deve encorajar a mobilização, especialmente em eventos espontâneos e desorganizados” (Walgrave & Verhulst, 2006). A identificação pessoal pode ocorrer ainda quando os jornalistas sentem que compartilham experiências de vida e são afetados negativamente pelas mesmas questões que suas fontes.

4 Análises e resultados

Para compreender as características de jornalismo ativista nas narrativas de Eliane Brum, publicadas no *El País*, será utilizada uma metodologia multiperspectiva por meio de análise de conteúdo (Bardin, 2011) e análise crítica da narrativa (Motta, 2013). A primeira auxilia na delimitação das categorias para compreender o plano de fundo das narrativas e os sujeitos presentes, investigados a partir de marcas nos textos. A segunda, observa a tessitura das reportagens amparada por recursos dos estudos narrativos e nos permite conhecer as estratégias comunicativas, as vozes narrativas e as representações dos personagens que emergem nas narrativas amazônicas de Eliane Brum.

A seleção do material seguiu os seguintes critérios: a) temática relacionada à região amazônica; b) período de 2017 a 2020, período em que a jornalista passa a morar em Altamira, no Pará; c) indicativo de reportagem e não artigo de opinião, uma vez que a jornalista utilizava as duas rubricas para suas publicações. As reportagens possuem mais condições de proporcionar um espaço ao relato de vida humana de forma contextualizada e complexa a partir de características textuais jornalísticas.

Foram encontradas nove reportagens que se enquadram nos critérios. As cinco primeiras fazem parte de uma série especial para a Amazônia Real, uma agência de jornalismo independente e investigativo, publicadas também no El País Brasil: “*Gumercinda e Alice querem viver*”, “*O predador que virou protetor*”, “*O ribeirão e a tartaruga*”, “*Oito tartarugas de chifre e dois humanos criativos*” e “*Desmandos e impunidades ameaçam tartarugas*”, todas publicadas em janeiro de 2018. As demais peças analisadas são “*A Veneza de Belo Monte*”, de 2018, e “*Erro de projeto coloca estrutura Belo Monte em risco*”, de 2019, “*A cidade que mata o futuro: em 2020, Altamira enfrenta o aumento avassalador de suicídios de adolescentes*”, de 2020, e “*Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês*”, também de 2020.

O estudo é delineado a partir de dois eixos temáticos de análise: a construção narrativa e a representação das fontes. O primeiro eixo se divide em duas categorias: a) Ferramentas estruturais: identificando as estratégias argumentativas utilizadas para os efeitos do real e estético, analisando também contexto social e temáticas predominantes; b) Presença do narrador: entender como Eliane Brum utiliza de sua presença para marcar o texto, identificando como a repórter mostra sua intencionalidade e reflexos na narrativa. No segundo eixo de análise, propomos outras duas categorias: a) Espaço e diversidade: buscando identificar as vozes que Brum evoca em suas narrativas e como ela oferece esse espaço (seja por citações diretas ou indiretas, entrevistas, fragmentos de livros, discursos etc.); b) Identidade: observando aqui a narração de aspectos subjetivos dos sujeitos, suas regionalidades, expressões e gostos, assim como entender a personalização dessas vozes – as ditas fontes jornalísticas – identificando se elas aparecem como vilãs, vítimas, cidadãos comuns ou heróis. A partir dessas categorias, são observados os traços narrativos que demonstram aspectos de resistência e ativismo no texto da jornalista.

4.1 Ferramentas estruturais

Este tópico trata dos pontos da construção narrativa em que é possível identificar aspectos estruturais, como as estratégias textuais, os efeitos do real, efeitos estéticos (Motta, 2013) e o contexto social, identificando como essas marcas textuais aparecem na reportagem e como podem conduzir a um tipo de jornalismo ativista.

Eliane Brum é reconhecida por suas marcas autorais nos textos, características e maneiras de escrever visivelmente

expressadas nas construções textuais. Na reportagem “*Gumercinda e Alice querem viver*”, que conta a jornada de duas tartarugas do Embaubal e a busca pela sobrevivência, a construção narrativa da história busca nos aspectos textuais e recursos linguísticos o necessário para formar seu texto discursivo, utilizando, por exemplo, a onomatopeia, figura de linguagem em que se faz a representação de sons na língua escrita, tornando assim seu texto mais lúdico: “desponta uma cabecinha. Brotando da areia. Ploft” (Brum, 2018a). Nos quatros primeiros parágrafos têm-se a apresentação das duas personagens, apresentando suas características físicas e percepções da própria repórter sobre as jornadas das tartarugas.

A descrição dos ambientes e subjetividades como a representação dos sentimentos, emoções, descrição física e caracterização moral da fonte, são estratégias utilizadas pela narradora também na reportagem “*O ribeirinho e a tartaruga*”, que apresenta o personagem Tuíca. No texto, revela-se a “agonia” de Tuíca: a hidrelétrica de Belo Monte, a consequente falta de peixes após a chegada da obra e, principalmente, a fome. Assim, os ribeirinhos e suas dificuldades são contextualizados: “são grandes sobreviventes – ou viventes”, relata Brum, “o desequilíbrio instalado por Belo Monte ecoa muito mais longe e em camadas mais profundas do que os relatórios da burocracia” (Brum, 2018c). Os ribeirinhos tiveram que partir para o comércio ilegal de tartarugas para fugir da fome. Assim, o leitor passa a conhecer a realidade que faz parte do viver amazônico, caçar para sobreviver.

As táticas para criar efeitos do real também são observadas em “*O predador que virou protetor*”, reportagem que apresenta a história de Luiz, ex-caçador de tartarugas que se tornou um protetor dos animais. A contextualização da vida ribeirinha é apresentada, buscando a compreensão do leitor sobre as vivências dos sujeitos e da região, sendo parte da construção do discurso narrativo. A caça às tartarugas, explica a repórter, é tradição, retirando assim os ribeirinhos de um lugar de possível “vilania”. A caça faz parte do pertencimento e reconhecimento de identidade desses sujeitos na comunidade:

E era grande um homem que atravessava a comunidade com uma tartaruga na cabeça. Não porque os ribeirinhos são maus, mas porque a tartaruga sempre foi uma das principais fontes de proteínas da sua dieta. E também um meio de sobrevivência. Quando a seringa não teve mais mercado, a tartaruga se tornou também uma das principais fontes de renda da região. (Brum, 2018b).

Ainda nesta mesma reportagem, as características de Luiz são colocadas em destaque, quando a repórter fala sobre a

densidade do rosto e a “fundura” dos olhos. O perfil do personagem é construído a partir da observação, com uma descrição minuciosa atenta aos sentidos e amplificando os detalhes, parte dos efeitos estéticos percebidos no texto. Para Moraes (2018), estes são aspectos importantes para incluir a humanização nas histórias, a compreensão de um fato e da dinâmica social em si. A escuta ampla na jornalista, apreciação e observação das fontes aparece também neste texto ao pontuar gestos e expressões: “ele ri. E explica, com admiração: ‘Se você fizer um barulhinho assim (faz um barulho com a boca) no casco, e a maresia do casco der na tartaruga, você não pega ela mais’” (Brum, 2018b). Motta (2013) conta que são essas qualidades pessoais, quando transformadas em características das figuras dentro do discurso, que constroem e produzem os efeitos de sentido. Esses recursos mostram também o quanto a jornalista explora aspectos e efeitos textuais para a “restauração de humanidades” (Moraes, 2022), destacando os traços de resistência dos personagens e, desta forma, agir em seu favor.

No texto “*Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês*”, em que mulheres do povo Sanõma, que vivem na terra indígena Yanomami, na fronteira do Brasil com a Venezuela, sofrem com o desaparecimento dos corpos dos filhos, Eliane Brum utiliza-se de efeitos estéticos na narrativa quando escolhe palavras que demonstram seus sentimentos e o grau de violência vivida pelas mulheres Yanomami. Ao contar sobre a mensagem que recebeu de uma das mães, a repórter relata: “Eu escuto a mensagem antes da tradução. Não entendo as palavras. Mas compreendo o horror. A linguagem universal daquela que está sendo arrancada do mundo dos humanos” (Brum, 2020b). As estratégias de produção de efeitos estéticos geram nos leitores identificação com a narrativa e os sujeitos, possibilitando a compreensão dos dramas e tragédias humanas, tornando a história mais interessante ao leitor (Motta, 2013) a partir de enquadramentos que superem os estereótipos e possam desnaturalizar questões arraigadas na sociedade, como o classismo e o racismo (Moraes, 2022).

4.2 Presença do narrador

Para analisar a presença do narrador na reportagem, é necessário entender de que forma as intencionalidades da jornalista Eliane Brum estão presentes no texto e como isso reflete nas narrativas.

Em “*Gumercinda e Alice querem viver*”, a repórter, que realiza

uma observação participante ao acompanhar os pesquisadores na saga das tartarugas, também está presente no texto e, mais do que isso, apela ao leitor para suas próprias percepções quando o convida para realizar a ação de imaginar o tamanho do filhote de tartaruga, por exemplo. Ela também mostra-se imersa na história, revelando suas emoções e descobrimentos.

O êxtase é todo meu, ela pode estar apenas assustada. Ou curiosa. Ainda no lado de dentro, há o restante de seu pequeno corpo. Abra seu polegar e seu indicador, mas não muito, e você saberá o tamanho dela. Vou chamá-la de Alice, porque nós, humanos, gostamos de nomear. Mas ela deve se conhecer por caminhos que desconhecemos. (Brum, 2018a).

A intencionalidade está presente em todo o texto, os aspectos textuais que orientam o discurso narrativo trazem à tona para o leitor efeitos como angústia, indignação, tristeza ou alegria, construindo um enredo narrativo que demarca experiências de todos os personagens como as tartarugas, os biólogos e também a própria narradora. Há momentos em que a jornalista coloca sua profissão em questão e reflete sobre seu cotidiano. Ijuim (2014) observa que o cotidiano do repórter é importante e a reflexão constante faz parte do seu exercício. A atuação do narrador é marcada pela experiência de acompanhar as tartarugas em primeira pessoa, imprimindo suas próprias observações: “É minha experiência mais profunda como estrangeira. Eu deveria dizer astronauta. É assim que me sinto” (Brum, 2018a).

A presença da repórter é observada também no texto “*Mães Yanomamis imploram pelos corpos de seus bebês*”, quando, no relato dos bastidores da produção entrelaçado à narrativa, Eliane Brum afirma como conseguiu contato com uma das mães: “Com a ajuda de várias pessoas, uma delas conseguiu me enviar uma mensagem, gravada, em Sanöma” (Brum, 2020b). Isso revela que, na verdade, a própria personagem procurou a repórter para relatar o ocorrido, estreitando a relação convencional de instituição e fonte como uma oportunidade genuína de espaço. É o que Shultziner e Shoshan (2018) categorizam como ligação pessoal, intensiva ou íntima entre jornalistas e as fontes, motivação que fundamenta o ativismo jornalístico. Seu desconhecimento do idioma dos indígenas aparece no seu próprio depoimento: “Eu escuto a mensagem antes da tradução. Não entendo as palavras. Mas compreendo o horror. A linguagem universal daquela que está sendo arrancada do mundo dos humanos” (Brum, 2020b). A relação do eu com o outro aparece

e a repórter se posiciona subjetivamente buscando compreender a situação de forma mais humana, esvaindo-se da neutralidade almejada no jornalismo.

A própria atividade narrada e a posição da jornalista em primeira pessoa evidenciam as marcas textuais. Segundo Medina (2003), a presença e voz do jornalista na narrativa pode ser configurada como forma de revelar seu incômodo, ao inverter a relação de sujeito-objeto para sujeito-sujeito, de técnico da informação para mediador social, que acaba com o ritmo mecânico do exercício jornalístico.

Em muitos textos há marcas do posicionamento crítico da jornalista, ainda que não esteja em primeira pessoa, como no final do primeiro parágrafo de “*Desmandos e impunidades ameaçam tartarugas*”, que contextualiza questões sociais e políticas da região e como elas prejudicam a proteção legal necessária, quando conta um ocorrido com o prefeito da cidade. Na sequência, ela argumenta que é devido a essas situações que a proteção das tartarugas está comprometida.

Só para lembrar: em 29 de novembro, Dirceu Biancardi (PSDB) invadiu o auditório da Universidade Federal do Pará, em Belém, trançou professores, pesquisadores e estudantes na sala e impediu um debate sobre a instalação da mineradora canadense Belo Sun, tornando-se uma má notícia internacional. É fácil perceber por que a proteção das tartarugas está comprometida. (Brum, 2020a).

Na mesma reportagem, ela faz duras críticas sobre o local de trabalho de vários profissionais que precisam proteger as tartarugas, a estrutura da base de fiscalização.

A base de fiscalização, à beira do Xingu, é bonita por fora. Por dentro, claramente houve um problema de projeto. Só assim para explicar como é possível o ar não circular em plena floresta amazônica. Técnicos, policiais e agentes que lá atuam enfrentam um calor próximo do insuportável mesmo no inverno, que é a época de chuvas e a temperatura é alguns graus mais baixa. Assim, procuram algum pedaço de pau para armar uma rede no lado de fora para conseguir dormir. (Brum, 2020a).

A jornalista aqui escolhe “um lado”, o dos trabalhadores do local. Como compreende Moraes (2022, p. 137), “tomar partido” é algo que está no DNA do jornalismo e, se isso foi um dia declarado (como, por exemplo, nos jornais opinativos do século 19), passou a ser encoberto justamente pelo manto da objetividade”. Essa atitude estimula o debate sobre o assunto retratado, como ocorre em “*A cidade que mata o futuro: em 2020, Altamira enfrenta o aumento avassalador*”

de suicídios de adolescentes”, sobre o aumento dos casos de suicídio em Altamira, no Pará, com consequências diretas da mudança de vida da região depois da instalação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. A jornalista sugere um amplo debate público sobre a temática que já é bem discutida nas redes sociais, principalmente pelos adolescentes, e se esforça para mostrar seu posicionamento. “Se a sociedade não debater o tema em todos os espaços, com conhecimento, responsabilidade e desejo de compreender, só restam mesmo os subterrâneos das redes e os programas e reportagens sensacionalistas que convertem o suicídio em espetáculo” (Brum, 2020a).

O uso de uma narrativa norteadora, de caráter crítico e reflexivo, é utilizada especialmente em eventos que envolvem pessoas inocentes que foram vitimadas ou a revelação de ações incorretas ou imorais que produzem um efeito no público. Neste sentido, o jornalismo ativista se insere para mobilizar o público por demandas práticas de ação governamental ou simplesmente em demonstração de solidariedade (Walgrave & Verhulst 2006). A identificação pessoal do jornalista pode encorajar uma ação coletiva e produzir algum tipo de movimento espontâneo do público.

4.3 Espaço e diversidade

Outro ponto analisado são as vozes evocadas nas narrativas e como esse espaço é oferecido. As estratégias narrativas variam em cada reportagem, mas é possível observar a presença das fontes populares/testemunhas, das pessoas que vivem na região e que presenciam as problemáticas relatadas. A partir da classificação de Lage (2009) nas nove peças analisadas, foram encontradas 13 vezes oficiais, 23 especialistas e 17 testemunhas. Apenas uma reportagem não trazia nenhuma história de vida. Percebe-se, com o uso prioritário de fontes especialista, em busca de versões ou interpretações, uma tentativa de analisar a realidade a partir do que se estuda e se vivencia, e não sob o ponto de vista das instituições, que normalmente tendem a preservar algum poder do Estado (Lage, 2009). A necessidade de trazer sempre histórias de vida não só humanizam a narrativa, mas mostram a preocupação em contar os fatos a partir de quem os vive. Até mesmo os animais tornam-se personagens principais, como é o caso da saga da tartaruga Gumercinda e sua filhote Alice, desde o percurso para a desova até o abrir do ovo. As fontes humanas de *“Gumercinda e Alice querem viver”*, que

são as especialistas, são apresentadas somente no quarto parágrafo, de forma breve, e não ocupam muito espaço de voz dentro da narrativa por meio das técnicas tradicionais do jornalismo, como as aspas.

A pluralidade de fontes em algumas reportagens também evidencia a extensa pesquisa sobre os assuntos. A construção da realidade sobre os problemas da usina hidrelétrica de Belo Monte, reportados em “*Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco*”, acontece por meio das oito fontes presentes, cinco delas especialistas que discorrem durante toda a narrativa sobre as consequências e riscos da usina. As histórias de vida afetadas permeiam todo o texto. “*A cidade que mata o futuro: em 2020, Altamira enfrenta o aumento avassalador de suicídios de adolescentes*”, sobre o aumento dos casos de suicídio na cidade paraense, é relatada a partir de 18 fontes, sendo cinco histórias de vida.

Em “*Mães Yanomamis imploram pelos corpos de seus bebês*”, as vozes dos indígenas presentes ajudam a tecer a narrativa, a participação direta pontua suas perspectivas, fortalecendo a linguagem dialógica. Todas as etapas do ritual de luto são contadas pela jornalista, evidenciando de forma mais clara a brutalidade vivenciada pelos Yanomami. Uma fonte especialista, a professora de antropologia Silvia Guimarães, que realiza pesquisa junto ao povo Sanöma há muitos anos, auxilia nesse processo como uma testemunha, em uma estratégia argumentativa de convencer o leitor que aquela realidade descrita é verdadeira. A fonte assume o seu papel tradicional na informação e, por vezes, torna-se um alter-ego do repórter que cultiva essas fontes especializadas de conhecimento científico, conforme descreve Medina (2003).

Eliane Brum também trabalha textos mais próximos do estilo perfil, mostrando que a narrativa não valoriza apenas dados ou fontes oficiais. Em “*O predador que virou protetor*”, uma fonte faz parte da reportagem. A história conta a vida de Luiz, que se tornou agente contratado da fiscalização ao observar as tartarugas não mais como carne e como renda, mas como vida e beleza. A jornalista monta um enredo entre homem e natureza. O protetor que já foi predador não é colocado como vilão ou herói, as suas camadas não podem ser simplificadas. Assim como Luiz, os ribeirinhos não podem ser analisados por um fato isolado como a caça às tartarugas, mas é necessário considerar o contexto em que estão inseridos. Esse perfil chama a atenção para os princípios narrativos em conformidade com Motta (2013), que esclarece que, do ponto de vista da narratologia, o personagem é uma construção estratégica do narrador para provocar certas impressões, sentimentos ou identificações no leitor.

As fontes são em parte a busca pelos ideais do jornalismo como a objetividade e neutralidade e, segundo Marcondes Filho (2009), aparecem com o objetivo de apagar a mediação direta entre o jornalista e os fatos do mundo, como forma de impessoalidade. O autor relata que as fontes apresentam o que seria uma “visão verdadeira” dos acontecimentos da “realidade” que o jornalista não pôde presenciar, pois não estava no local, ou mesmo estando presente não poderia trazer à luz com o seu depoimento direto porque necessita manter a sua posição de “neutralidade” discursiva.

A opção pelas fontes usadas também mostra ativismo em relação aos temas tratados e uma identificação pessoal jornalística que denota mudança nas rotinas jornalísticas que, normalmente, dão preferência a fontes oficiais. Em vez disso, busca-se o favorecimento e a identificação com os personagens da comunidade tradicional da região.

4.4 Identidade

Observa-se aqui a narração de aspectos subjetivos dos sujeitos e a personalização dessas vozes. Em muitas reportagens de Eliane Brum o teor narrativo se dá por meio da complexidade que cada ser humano revela. A dualidade aparece, por exemplo, em “*O ribeirão e a tartaruga*”, na qual o personagem Tuíca não é descrito como vilão ou mocinho, mas como alguém que vive o impasse que é viver entre a natureza e depender dela para sobreviver: “No passado, ele também foi um grande caçador de tartarugas. E esse orgulho ainda aparece como uma dessas contradições de homem que vive entre mundos”.

A bióloga Cristiane Costa, presente em outras reportagens da série, em uma tentativa de talvez colocar a sua realidade presente entre os ribeirinhos, propõe a integração de famílias da região no acompanhamento do nascimento das tartarugas: “É também uma estratégia para que crianças e adultos tenham um encontro que não seja apenas entre fome e comida” (Brum, 2018c).

Entretanto, a realidade já é conhecida e vivida pelas crianças ribeirinhas, eles sabem que dificilmente há escolhas e oportunidades, assim a narra Eliane Brum: “Pergunto a dois pequenos: ‘por que vocês estão ajudando a tartaruguinha a sair do ninho?’. Maxwell da Conceição, de 9 anos, diz: ‘Para ela ficar grandona’. Max Abreu, de 7, completa: ‘Pra depois nós comer um pouquinho’” (Brum, 2018c). As vozes presentes trazem os sentidos necessários para a compreensão da história, ao

observarmos as intenções da bióloga e as necessidades de Max, as fontes dialogam de uma forma que o leitor compreende o encontro entre realidades distintas, tomando consciência da narrativa do outro.

Outras narrativas trazem a realidade sem subterfúgios. Em “*Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco*”, uma das abordagens mostra que a insegurança alimentar se tornou um dos maiores problemas para a população ribeirinha e os indígenas, os “povos da floresta”. Os sujeitos amazônicos são representados pelo sofrimento, fome e negligência, “quando são entrevistados, homens e mulheres acostumados a uma vida extremamente dura choram. Vivem pela primeira vez a tragédia de dias sem comida” (Brum, 2019).

No texto “*O predador que virou protetor*”, Luiz, o agente contratado da fiscalização, é apresentado também como professor, “há uma geração de doutores da academia, como a própria Cristiane Costa Carneiro (...) que aprenderam com Luiz e com outros ribeirinhos muito do que sabem de tartarugas-da-amazônia”. A jornalista parte do pressuposto de que o conhecimento válido não é apenas científico, mas também é construído a partir das vivências cotidianas. Além disso, é também resistência e um contraponto às perspectivas eruditas. Por isso, Eliane Brum contesta pesquisas acadêmicas que negligenciam os sujeitos detentores desse conhecimento, “ao publicar seus trabalhos, se ‘esquecem’ de dar crédito aos detentores do conhecimento, perpetuando a desigualdade entre os saberes” (Brum, 2018b). Levantando essas questões, exerce seu ponto de vista crítico e contrapõe a visão colonizadora e positivista do conhecimento.

Em quase todos os textos sobre as tartarugas do Embaubal, o conhecimento profundo que os ribeirinhos possuem sobre a vida na região é ressaltado. Em “*Oito tartarugas de chifre e dois humanos criativos*”, Eliane Brum relata que foi pelo monitoramento via rádio que se descobriu a origem das tartarugas que desovam no tabuleiro e enfatiza: “A descoberta é consequência direta do conhecimento dos ribeirinhos Luiz Cardoso da Costa e Antonio Davi Gil, o Tuíca” (Brum, 2018d). Essas duas fontes foram apresentadas nas reportagens anteriores como produtores de conhecimento. A repórter conta que a pesquisadora Cris escutou seus professores, “salvaram nossa pesquisa!”.

Assim, a repórter utiliza de uma retórica construída ao longo das reportagens em que problematiza, critica e argumenta os reflexos das imagens representadas sobre os sujeitos da região amazônica, buscando uma nova forma de representação. Com isso, consegue interferir nas concepções preconceituosas, “aquelas capazes de solapar, de provocar

a ruína na existência de pessoas e grupos” (Moraes, 2022, p. 137). Desta forma, o jornalismo ativista se mostra por meio da identificação pessoal do profissional com as fontes que se mostram credíveis e autênticas (Shultziner & Shoshan, 2018), enaltecidas por seus conhecimentos.

5 Considerações finais

O artigo buscou discutir as características do jornalismo ativista presentes nas narrativas sobre a Amazônia da jornalista Eliane Brum, publicadas no *El País Brasil*. O protagonismo humano é o foco dos textos analisados, com marcas textuais fortes aliadas à subjetividade, que não deixam de revelar seus propósitos, intenções e argumentações. Esses fatores, por si só, já evidenciam o caráter ativista no jornalismo praticado por Eliane Brum. Como narradora de experiências, ela busca enfatizar as vivências e compartilhar suas descobertas, superando, de certa forma, uma lógica colonial ao apresentar os ribeirinhos como os verdadeiros detentores do conhecimento sobre a vida ali presente e, de fato, é no discurso que se efetiva as existências. Os personagens principais das histórias vão desde pescadores, ribeirinhos a tartarugas, com os quais a narradora instiga o leitor a ampliar sua visão de mundo, revelando as experiências vividas nos novos ambientes apresentados. Os “vilões” das reportagens são bem pontuados: os grandes projetos, as instituições, figuras públicas, tudo o que tira e destrói a vida da região. Com uma perspectiva histórico-cultural, a repórter aponta o descaso em relação à região amazônica, enfatizando a premissa de que o “desenvolvimento” tem como base a violência.

As narrativas foram analisadas por meio de categorias que discutem as ferramentas e estruturas textuais utilizadas, a presença da jornalista como narradora das realidades, o espaço dado às fontes e os aspectos subjetivos por meios das identidades retratadas. A isso, somou-se a observação dos mecanismos elencados por Shultziner e Shoshan (2018), a partir dos quais ocorre a identificação pessoal jornalística e o ativismo jornalístico. Percebeu-se uma identificação ideológica, uma vez que a causa está ligada à convicções pessoais sobre o que é certo e verdadeiro, mas também à necessidade de ampliar as discussões sobre a Amazônia que, especialmente nos últimos anos, tem se destacado no cenário mundial devido à (anti) política socioambiental aplicada pelo governo de Jair Bolsonaro. Questões emergentes fazem parte do debate, compreendidas como

uma questão ambiental de natureza não-partidária.

É perceptível, por meio dos textos, a ligação pessoal e intensiva entre a jornalista e as fontes locais, possivelmente estreitadas com a mudança de Eliane Brum de São Paulo para Altamira, no Pará, o que possibilitou encontrar e selecionar os temas a serem reportados e as fontes por sua autenticidade e credibilidade. Embora não seja possível experienciar profundamente tudo o que acontece no contexto da Amazônia, a proximidade possibilita que se perceba os modos de vida de forma mais intensa, o que se evidencia pela empatia contida nas reportagens. Esses aspectos estão presentes nas narrativas que usam estratégias estéticas e de efeito do real e que contextualizam os cenários e as histórias de vida. A presença da jornalista coloca sua percepção e produz uma narrativa por vezes emotiva, indignada, reflexiva e crítica. A escolha pelas fontes mostra a pesquisa mas também a preferência pela história a partir do ponto de vista de quem vive as problemáticas e não dos dados e vozes institucionais carregadas de intenções de poder. As identidades mostram uma Amazônia “cheia” de conhecimento, e não um local visto e tratado como “vazios” de humanidades e culturas.

Constata-se, com esta análise, que é preciso destinar maior atenção ao papel das atitudes dos repórteres e editores em relação aos temas sociais como possibilidade de mobilização da sociedade. O posicionamento do jornalista na defesa das minorias, optando pelos sujeitos comuns, assimilando seus aspectos históricos e culturais, humanizando-os, não viola o jornalismo profissional, pelo contrário, trabalha para combater a sub-representação que atinge diversos grupos sociais.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.

Brum, E. (2018a, 7 de janeiro). Gumercinda e Alice querem viver. *Jornal El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/ciencia/1515172862_322540.html

Brum, E. (2018b, 7 de janeiro). O predador que virou protetor. *Jornal El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/ciencia/1515175403_825363.html

Brum, E. (2018c, 7 de janeiro). O ribeirão e a tartaruga. *Jornal El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/politica/1515181096_383988.html

Brum, E. (2018d, 7 de janeiro). Oito tartarugas de chifre e dois

humanos criativos. *Jornal El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/06/ciencia/1515260643_593427.html

Brum, E. (2018e, 7 de janeiro). Desmandos e impunidades ameaçam tartarugas. *Amazônia Real*. Recuperado de <https://amazoniareal.com.br/desmandos-e-impunidade-ameacam-tartarugas/>

Brum, E. (2018f, 15 de maio). A Veneza de Belo Monte. *Jornal El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/14/politica/1526322899_121198.html

Brum, E. (2019, 08 de novembro). Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco. *Jornal El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/08/politica/1573170248_680351.html

Brum, E. (2020a, 27 de abril). A cidade que mata o futuro. *Jornal El País*. Recuperado de <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-27/a-cidade-que-mata-o-futuro-em-2020-altamira-enfrenta-um-aumento-avassalador-de-suicidios-de-adolescentes.html>

Brum, E. (2020b, 24 de junho). Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês. *Jornal El País*. Recuperado de <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus-bebes.html>

Castilho, C. (2018, 07 de abril). O jornalismo é uma forma de ativismo? *Medium*. Recuperado de <https://ccastilho.medium.com/o-jornalismo-%C3%A9-uma-forma-de-ativismo-b63fd906614d>

Charaudeau, P. (2007). *Discurso das mídias*. Contexto.

Costa, G., & Silva, J. L. (2003). Análise da narrativa jornalística: construção de sentido pela notícia. *Anais do VIII Congresso Internacional ABRALIC*. Associação Brasileira de Literatura Comparada. Recuperado de www.abralic.org.br/eventos/

Ijuim, J. K. (2014). As diferenças e o diferente: o respeito ao outro como forma de humanizar o jornalismo. *Anais do XIII Congresso Internacional Ibercom*. Associação Ibero-americana de Comunicação. Recuperado de www.estudiosaudiovisuais.org/lusofonia/

Lage, Nilson. (2009). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Record.

Marcondes Filho, C. (2009). *Ser jornalista: O desafio das tecnologias e o fim das ilusões*. Paulus.

Marques, G. (2019). *Amazônia: riqueza, degradação e saque*. Expressão Popular.

Medina, C. (2003). *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. Summus.

Mena, F. (2021, 23 de fevereiro). 'Diversidade é crucial para fazer bom jornalismo', diz vencedora do Pulitzer. Folha de S.Paulo. Recuperado de www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/diversidade-e-crucial-para-fazer-bom-jornalismo-diz-vencedora-do-pulitzer.shtml

Moraes, F. (2018). Para além do robô, a reportagem: pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. In M. Martinez & M. R. Maia (Orgs.), *Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas* (pp. 99 - 114). Editora Catarse.

Moraes, F. (2019). A objetividade jornalística tem raça e gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. *Anais do XXVIII Encontro Anual da Compós. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Recuperado de <https://proceedings.science/compos>

Moraes, F. (2022). A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Arquipélago.

Motta, L. G. (2013). *Análise Crítica da Narrativa*. Editora Universidade de Brasília.

Nascimento, S. M. do. (2017). *Violência e Estado de exceção na Amazônia Brasileira: um estudo sobre a implantação da Hidrelétrica de Belo Monte no Rio Xingu (PA) [tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]*. Repositório Institucional da UFPA.

Prudêncio, K., & Batalha, M. L. (2009). Mídia ativista e ação política na internet: a experiência do Centro de Mídia Independente. *Revista Eco-Pós*, 12(3), 100-122. DOI: 10.29146/eco-pos.v12i3.934

Shultziner, D., & Shoshan, A. (2018). A journalists' protest? personal identification and journalistic activism in the Israel social justice protest movement. *The International Journal of Press/Politics*, 23(1), 44-69. DOI: 10.1177/194016121773688

Resende, F. (2006). O Jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. In A. Lemos, C. Berger, & M. Barbosa (Orgs.), *Narrativas midiáticas contemporâneas* (pp. 85 - 101). Sulina.

Resende, F. (2011). Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In G. Silva, D. Kunsch, C. Berger, & A. Albuquerque (Orgs.), *Jornalismo Contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas* (pp. 120 - 134). EDUFBA.

Santos, B. de S. (2007). Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (78), 1-45. DOI: 10.4000/rccs.753

Walgrave, S., & Verhulst, J. (2006). Towards 'New Emotional Movements'? A Comparative Exploration into a Specific Movement Type. *Social Movement Studies*, 5(3), 275-304. DOI: 10.1080/14742830600991651

ELAINE JAVORSKI. Professora adjunta do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Doutora em Ciências da Comunicação e dos Media pela Universidade de Coimbra. Colaboração no artigo: concepção, análise de dados, elaboração e redação do manuscrito, discussão dos resultados, revisão e aprovação da versão final do trabalho. E-mail: elaine.javorski@ufma.br

QUEZIA ALENCAR. Jornalista e supervisora de comunicação da Universidade Estadual do Tocantins, campus Araguatins. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Colaboração no artigo: concepção, análise de dados, elaboração e redação do manuscrito, coleta de dados, discussão dos resultados, revisão e aprovação da versão final do trabalho. E-mail: queziz.alencar@gmail.com

FINANCIAMENTO: este trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), código de financiamento 001.

PREPRINT: uma versão em preprint desta publicação está disponível pelo DOI 10.1590/SciELOPreprints.6064

Dois pareceres utilizados na avaliação deste artigo podem ser acessados em <https://osf.io/j5g3k> e <https://osf.io/b9a3x> | Seguindo a política de ciência aberta da BJR, os avaliadores autorizaram a publicação do parecer e a divulgação de seus nomes.